

ESTUDOS FEMINISTAS

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS E INSTITUCIONAIS DA ARTE EM PORTUGAL PÓS DÉCADA DE 60 – UM ESTUDO DE CASOS

Nesta sessão apresentei a minha tese sob uma outra lente/perspetiva; já com algum distanciamento temporal, foquei um percurso subjacente desde 2004, ano em que iniciei um trabalho de realização de entrevistas, na sua grande maioria presenciais a diversos agentes do mundo artístico português. Nesse ano comecei por entrevistar Júlio Resende, a que se seguiu Joe Berardo, e Jaime Isidoro, galerista, artista, colecionador, impulsionador da vida anímica do mundo artístico português.

Seguiram-se Júlio Pomar, entrevista que não veio a ser publicada, e mais vinte que constam do meu livro sobre Colecionismo e Mercado de Arte em Portugal, a que acresce a de João Rendeiro publicada na revista L+Arte em Junho de 2006, mas que ficou de fora do rol, dadas as circunstâncias que se seguiram ao colapso do Banco Privado Português.

Este interesse pelo colecionismo, e pelo mercado da arte, não é alheio à prática artística que exerci durante vários anos como galerista, à vivência no interior desse meio, ao contacto com artistas, colecionadores, curadores, críticos, e galeristas. As entrevistas foram assim um meio que deu continuidade a este pulsar anímico, mantendo laços, e iniciando outro processo de ligação a este mundo.

A etapa seguinte neste projeto, já mais recente, iniciou-se em 2015/16, e deu origem a mais uma série de entrevistas, dezoito no total, embora na realidade sejam mais, pois no decorrer deste processo algumas foram retiradas por vontade das pessoas entrevistadas.

O fio condutor desta última série é a mulher; a galerista, a crítica e curadora, a professora universitária, a colecionadora, a teia que anda em torno da criação artística, complementando os estudos que já existem relativos ao campo da criação/produção. O espetro temporal, parte da década de 60, período em que assistimos no plano internacional à emergência significativa de ações, discursos e práticas artísticas ligadas ao feminismo, que se projetaram em Portugal mais tardiamente.

A ideia foi criar um foco que incidisse sobre as mulheres que tiveram um papel preponderante no nosso país, nas estruturas de suporte à criação artística

pós anos 60, havendo no entanto remissões a outros espaços e tempos, deslocando assim o seu objeto, a uma panorâmica mais abrangente.

O subtítulo do livro recentemente publicado a partir desta investigação, “o território e o mapa”, é um modelo gerado pela investigação já referenciada também publicada em livro em 2013, “Colecionismo e Mercado de Arte em Portugal, o território e o mapa”, que tem igualmente como eixo axial uma série de entrevistas presenciais, a partir das quais construí um território contrapondo o seu mapeamento.

A participação igualitária da mulher na vida cultural e artística, em Portugal nos anos 60 e 70, dependia amplamente do nível educacional, e da inserção no mercado de trabalho. Os casos que contemplei, Dulce d’Agro, Salette Tavares, Ana Hatherly, Etheline Rosas, Maria Nobre Franco e Madalena de Azeredo Perdigão, relevam dessa premissa, a par da afirmação de uma paixão pela arte, que se entrecruza numa teia artística, seja através do mercado, da curadoria, da crítica, da docência, do colecionismo, ou reunindo várias destas vertentes numa só.

Este território de género, é passível de interrogação, ou seja por que razão comecei a escrever um ensaio sobre mulheres há seis anos atrás?

Considerando a globalidade temos a perceção de que apenas parte do mundo em que vivemos é igualitário nos direitos dos cidadãos e neste particular das mulheres. Foi há cerca de sessenta anos atrás, que aconteceram os grandes momentos de emancipação, a invenção da pílula nos anos 60, o direito de voto em diferentes momentos nos vários países, e a progressiva igualdade de direitos na sociedade.

Não obstante o território ser adverso, e falo agora sobre as protagonistas, acerco-me do pensamento de Bernard Henri Levy, ao dizer que o tempo da arte não é o mesmo da história corrente, as obras flutuam num cosmos, por vezes encontram-se e entram em colisão, o exemplo mais paradigmático será aquele que se pratica nos museus de arte contemporânea, confrontando obras com tempos e espaços aparentemente antagónicos, assim este trabalho, faz vários ziguezagues por entre as inúmeras mulheres que seguiram este território de emancipação criativa. Virginia Woolf, Claude Cahun, Maria Teresa Horta, Dulce d’Agro, a Marquesa de Alorna, Madame de Stael, Ana Hatherly, Luisa Tody, Mary Cassat, Aurélia de Souza, Sarah Affonso, Madalena de Azeredo Perdigão, Elisabeth Vige Le Brun, as pintoras italianas do século XVI, descritas por Vasari no seu “Livro de Artistas”, com qualidades meritórias de consagração, entre as quais Artemisia Gentileschi, na representação de cenários de violência, transgredindo um território predominantemente masculino, a lista seria exaustiva, e aumenta à medida que novas camadas arqueológicas vêm à superfície.



Rita Magalhães, 2009
Série Odaliscas, lambda durst print, 50 x 70 cm.

A história que aqui se evoca não é linear, nem no tempo nem no espaço; existem avanços e recuos num caminho em direção a uma maior visibilidade e profissionalização das mulheres em várias áreas da cultura, tal como existem nos mesmos tempos cronológicos lugares e países com muitas diferenças.

O meu trabalho foca este olhar crítico da história da arte canónica e ocidental, que se começa a desenhar nos anos 70, nos Estados Unidos e Inglaterra pela mão de algumas mulheres, como Linda Nochlin e Griselda Pollock, e mais tardiamente em Portugal, desencadeando uma nova visão sobre a história da arte que se vem refletindo progressivamente nas programações dos museus em todo o mundo. Um esboço de uma história da arte mais contemporânea, em que os eixos de aquisições mudaram de um conceito eurocêntrico (macho-branco-hetero), para inserir outras geografias até aqui esquecidas. Numa época de tumulto e em urgência, a arte participa na transformação dos sistemas de pensamento, e modifica o olhar sobre o mundo, aproximando a sociedade civil de um questionamento social e político, descolonizando-se do interior, abre-se à diversidade, e torna-se um lugar de transversalidade.

Quando falamos de arte pensamos sobretudo nos artistas, e justamente porque são eles (pronomes indefinidos sujeitos a flexão de género e número), que estão na origem de tudo, mas eles não existiriam sem os historiadores, os críticos e os curadores que lideram as pesquisas complexas para compreender e com

frequência revelar a sua obra; os galeristas que têm um papel maior na descoberta e no apoio dos artistas, bem como os colecionadores, figuras decisivas no processo de produção artística.

Pretendi com esta investigação registar uma história que tem como núcleo dezoito entrevistas presenciais a mulheres que marcaram essa dinâmica cultural e artística entre a década de 60 e a atualidade em Portugal, relevar, interrogar também, fazendo uma análise a questões cruciais para este mapeamento : o “teto de vidro” (“glass ceiling”), a evocação de uma possível “sensibilidade feminina”, a “perspetiva da transformação da cultura artística”, “a criação”, e o “mercado” são parâmetros de medidas, para a compreensão de uma história da mulher na arte e na sociedade.

Abordei uma questão fundamental aos estudos feministas – “the glass ceiling”, termo utilizado por Milgrom e Petersen, num estudo realizado em 2006, definido como “a falta de mulheres em posições de topo como resultado de uma barreira intangível dentro da hierarquia de uma companhia que impede as mulheres ou minorias de obterem posições cimeiras”.

Este tema atravessa grande parte deste trabalho, conferindo-lhe um caráter feminista, desvelado ao longo da investigação.

MANUELA HARGREAVES – Doutorada em Estudos do Património – História da Arte (FLUP), pós graduada em Ciências da Educação, e em Dinâmicas Culturais (FLUP), docente e investigadora, tem realizado de forma sistemática entrevistas a agentes do mundo artístico português. Publicou os livros “Colecionismo

e Mercado de Arte em Portugal – O Território e o Mapa”, na editora Afrontamento, em Dezembro de 2013, uma segunda edição em Maio de 2016, e na mesma editora “Mulheres e Cultura Artística em Portugal – O Território e o Mapa”, em Setembro de 2020.